Líder do Egito pós-Mubarak faz na ONU apelo contra intervenção na Síria

Gustavo Chacra
CORRESPONDENTE / NOVA YORK

Do púlpito da Assembleia-Geral da ONU, o primeiro presidente eleito do Egito, Mohamed Morsi, afirmou ser uma "vergonha" a ocupação dos territórios palestinos, condenou o derramamento de sangue na Síria – embora rejeitando qualquer possibilidade de uma intervenção externa – e defendeu um Oriente Médio livre de armas nucleares.

Os protestos anti-EUA no Egito também entraram no discurso, com Morsi dizendo respeitar a liberdade de expressão, mas acrescentando ser necessária uma ação internacional para conter a islamofobia em países do Ocidente. O líder egípcio silenciou sobre acusações de que há uma escalada do sentimento anti-Israel e de perseguições a cristãos em seu país. "As obscenidades publicadas recentemente como parte de uma campanha organizada contra o islamismo são inaceitáveis e requerem uma posição firme", afirmou Morsi ao se referir ao vídeo que insulta o profeta Maomé. "Temos a responsabilidade neste encontro internacional de estudar como proteger o mundo da instabilidade e do ódio."

Segundo o presidente, "o Egito respeita a liberdade de expressão, mas uma que não seja usada para incitar o ódio". A afirmação foi uma resposta à declaração de anteontem do presidente americano, Barack Obama, que do mesmo púlpito condenou o vídeo anti-Islã, mas defendeu a liberdade de expressão conforme consagrada na Primeira Emenda da Constituição dos EUA.

Sobre a questão palestina, Morsi criticou duramente "o mundo livre por aceitar, independentemente das justificativas oferecidas, que um membro da comunidade internacional continue negando o direito de uma nação de conseguir a sua independência", em referência a Israel – que ele não citou nominalmente em nenhum momento.

De acordo com Morsi, "é uma desgraça a continuação dos assentamentos nos territórios desse povo (palestino)". "Eu peço imediatas e significativas medidas para acabar com a colonização (dos territórios palestinos) e a alteração da identidade de Jerusalém ocupada".

Egito e Israel assinaram um acordo de paz há mais de três décadas, mas as relações entre os dois países se deterioraram desde a queda de Hosni Mubarak, no início de 2011. O premiê Binyamin Netanyahu fala hoje na ONU, assim como o presidente da Autoridade Palestina, Mahmoud Abbas. Para a maioria dos israelenses, Jerusalém é a capital indivisível de seu Estado. Os palestinos reivindicam a parte oriental, de maioria árabe, como a capital de um futuro Estado.

Mais grave do que a situação na Palestina, para Morsi, é a situação na Síria. "O derramamento de sangue e a crise humanitária precisam ser interrompidos", disse. "Nós, egípcios, estamos comprometidos em colocar um fim a essa catástrofe", acrescentou, mas afirmou ser "contra uma intervenção militar externa".

No fim de seu discurso, Morsi levantou mais uma vez a bandeira de um "Oriente Médio livre de armas nucleares" e considerou necessária uma conferência internacional sobre esse assunto "ainda em 2012".

Morsi afirmou que todos os países deveriam ser signatários do Tratado de Não Proliferação Nuclear. Os israelenses não assinaram o tratado e, por esse motivo, não estão sujeitos a inspeções da Agência Internacional de Energia Atômica, diferentemente do Irã, que é signatário. Oficialmente, Israel não nega, mas também não admite ter armamentos atômicos. No entanto, há um consenso na comunidade internacional, incluindo nos EUA, de que Israel mantém arsenais atômicos.

JASON SZENES/EFE

ONU. Egípcio Mohamed Morsi na Assebleia-Geral: líder não disse a palavra 'Israel' durante seu discurso

● **Ataques**

MOHAMED MORSI
PRESIDENTE DO EGITO

"As obscenidades (sobre Maomé) publicadas recentemente como parte de uma campanha organizada contra o Islã são inaceitáveis e requerem uma posição firme"

"Assentamentos nos territórios desse povo (palestino) são uma desgraça contínua. Eu peço imediatas e significativas medidas para acabar com a colonização (dos territórios árabes) e a alteração da identidade de Jerusalém ocupada"

Iraniana é a 11ª jornalista a morrer este mês na Síria

● A jornalista iraniana Maya Nasser, correspondente da Press TV, morreu ontem em Damasco, após duas explosões atingirem prédios do comando das Forças Armadas. De acordo com o ministro da Informação, Omran Zubi, o ataque foi cometido por "terroristas" e seguido por um tiroteio entre forças de segurança e "grupos armados".

O jornalista sírio Massoud Akko, integrante do Comitê de Liberdade de Imprensa da Associação de Jornalistas da Síria, disse ao 'Estado' que, em setembro, 11 jornalistas e ativistas de mídia foram mortos por forças do regime de Bashar Assad. "Hoje, Maya foi morta por um franco-atirador enquanto trabalhava."

Segundo Akko, 76 jornalistas foram mortos e mais de 100, incluindo ativistas, presos pelo governo. O último relatório do comitê, divulgado em agosto, apontava 65 mortes desde o início da revolta, em 2011. Nove jornalistas eram estrangeiros. / FERNANDA SIMAS

estadão.com.br

TV Estadão. Análise dos principais discursos de ontem
tv.estadao.com.br

PONTOS-CHAVE

O dia 2 na sessão anual da assembleia

● Juan Manuel Santos
Colombiano (*foto*) falou sobre o início das negociações com as Farc, dizendo ter "otimismo moderado" sobre "essa oportunidade histórica"

JASON SZENES/EFE

● Felipe Calderón
De saída do poder, presidente mexicano fez discurso duro no qual "exigiu" que a ONU lidere os esforços globais contra o tráfico de drogas

TIMOTHY A. CLARY/AFP

● Evo Morales
Boliviano (*foto*) defendeu o cultivo da folha de coca e criticou Obama por lamentar a morte do embaixador dos EUA na Líbia, mas não a de Muamar Kadafi

Ahmadinejad reduz o tom em seu último discurso na cúpula anual

Presidente iraniano evita pontos polêmicos, como a negação do Holocausto, mas volta a criticar os 'sionistas não civilizados'

CORRESPONDENTE / NOVA YORK

Em seu último discurso na Assembleia-Geral das Nações Unidas, o presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, fez um discurso bem mais ameno do que nos anos anteriores. O líder iraniano não questionou o Holocausto ou o 11 de Setembro, como fez no passado, mas criticou as ameaças de Israel de atacar Teerã em razão de seu programa nuclear.

Ahmadinejad deixará o poder no ano que vem, quando o Irã passará por novas eleições presidenciais.

JOHN MOORE/AFP

Versão light. Ahmadinejad, antes do discurso na ONU

"Os sionistas não civilizados querem recorrer a uma ação militar contra nossa grande nação", disse Ahmadinejad. Antes mesmo de o iraniano começar a falar, algumas delegações, como a dos EUA e de Israel, se retiraram do plenário das Nações Unidas. Essa atitude também ocorreu em anos anteriores, apesar de, em alguns casos, esperarem por Ahmadinejad começar com as ofensas antes de sair.

No discurso, o líder iraniano atacou longamente o capitalismo e, no fim, adotou um tom religioso. Em questões internacionais, acusou o Ocidente de errar ao apoiar Saddam Hussein na guerra contra o Irã, nos anos 1980, quando centenas de milhares de pessoas morreram no conflito.

A Síria não foi citada em nenhum momento por Ahmadinejad. O regime de Teerã é o principal aliado regional de Bashar Assad na região.

Cameron. O premiê britânico, David Cameron, por seu lado, frisou a violência na Síria em seu discurso na Assembleia Geral no início da tarde de ontem em Nova York.

"O sangue dessas crianças (sírias) é uma terrível mancha na reputação das Nações Unidas. Em particular, uma mancha naqueles que fracassaram ao se levantar contra as atrocidades e em alguns casos até mesmo ajudaram o reino do terror de Assad", disse em referência indireta à China, Rússia e Irã.

O líder britânico defendeu uma transição política rápida em Damasco para conter a violência, que já deixou mais de 20 mil mortos.

Ao lado de outros países europeus, como a França, e de monarquias da Península Arábica, a Grã-Bretanha é uma das principais defensoras de um apoio mais resoluto à oposição síria. Britânicos e franceses foram os principais articuladores da intervenção na Líbia, no início de 2011. **/ G.C.**

estadão.com.br

Galeria. As últimas vezes em Ahmadinejad esvaziou plenário
www.estadao.com.br/e/Ira

Brics pedem negociação em crise síria

Leonencio Nossa
ENVIADO ESPECIAL / NOVA YORK

O grupo Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) divulgou ontem uma nota para pedir um cessar-fogo na Síria e, ao mesmo tempo, defender uma solução negociada com a comunidade internacional.

Em encontro na sede da ONU, ministros de Relações Exteriores do grupo ainda repudiaram ações militares contra o Irã, acusado pelos EUA de desenvolver um programa nuclear com objetivos bélicos.

O documento destaca a "preocupação" com a "escalada da violência" e a "deterioração da segurança da situação na Síria, numa crítica ao governo de Bashar Assad e também à oposição armada. Na nota, os Brics "condenam" as violações de direitos humanos no conflito sírio.

Assange participa de evento via vídeo

NOVA YORK

Embora confinado na Embaixada do Equador em Londres, o fundador do WikiLeaks, o australiano Julian Assange, usou ontem um link para discursar em um evento paralelo à Assembleia-Geral da ONU. Por vídeo, acusou o presidente dos EUA, Barack Obama, de usar a Primavera Árabe para obter votos.

A delegação equatoriana se encarregou da logística de transmissão. Assange participou do evento com o chanceler do Equador, Ricardo Patiño. Ambos falaram sobre o pedido de asilo feito pelo australiano – acusado na Suécia de crimes sexuais – e concedido pelo governo equatoriano. Refugiado desde junho na missão do Equador, ele não pode deixar o local porque Londres se recusa a dar-lhe um salvo-conduto. **/ AP**

Fonte: O Estado de S. Paulo, São Paulo, 27 set. 2012, Primeiro Caderno, p. A18.